

ENSAIO | PEER REVIEWED

A Música Andina e sua Relação com a Comunidade, a Natureza e o Cosmos

Julio Mariscal Lima ^{1*}

¹ Asociación Boliviana de Musicoterapia (MUSAB), Bolívia

* juliomariscal@gmail.com

Recebido 16 de março de 2025; Aceito 8 de setembro de 2025; Publicado 3 de novembro de 2025

Editores: Juan Pedro Zambonini, Virginia Tosto

Revisora: Maria Clara Olmedo

Resumo

O artigo “A música andina e sua relação com a comunidade, a natureza e o cosmos” explora a profunda conexão entre a música andina e a cosmovisão dos povos que habitam a cordilheira dos Andes. A partir de uma abordagem etnomusicológica e terapêutica, analisa-se como a música andina transcende sua dimensão estética para se constituir como um meio de comunicação espiritual, comunitária e curativa. Destacam-se suas ligações com os ciclos naturais, os rituais agrícolas e as práticas coletivas que fortalecem a identidade e a coesão social. O texto propõe integrar a sonoridade andina na musicoterapia contemporânea, reconhecendo seu potencial para promover a regulação emocional, o pertencimento comunitário e a ressignificação identitária. Da mesma forma, é levantada a necessidade de uma musicoterapia intercultural e descolonial, que valorize os conhecimentos ancestrais e evite visões exotizantes ou reducionistas. Nesse sentido, a música andina se apresenta como um recurso terapêutico e cultural de enorme relevância, capaz de articular a relação entre o humano, o natural e o cósmico.

Palavras-chave: música andina; cosmovisão andina; musicoterapia intercultural; Identidade sonora; abordagem descolonial

Comentário Editorial

O autor, músico e psicólogo da região norte de Potosí, que vive e trabalha em La Paz, Bolívia, oferece-nos uma caracterização da música da região dos Andes. A música está presente nos rituais, na comunicação com os ancestrais, nos ciclos da natureza e na sua capacidade de diálogo com outras músicas. A noção de identidade sonora permite a Julio abordar a forte relação existente entre o mundo sonoro andino e a identidade pessoal e cultural daqueles que participam das experiências musicais nesse context.

Introdução

A música andina é muito mais do que uma simples forma de arte, é um pilar essencial da cosmovisão e da vida cotidiana dos povos originários que habitam a Cordilheira dos Andes. Essa rica tradição musical se estende por países como Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina, e está profundamente entrelaçada com as raízes ancestrais dos quíchuas, aimarás e outras comunidades andinas. Autores como Thomas Turino (2008) apontam que a música andina não é apenas um meio de expressão estética, mas também desempenha um papel fundamental na estrutura social, ritual e espiritual dessas comunidades, atuando como uma ponte para a comunicação, a cura, a conexão com a natureza e a transcendência para o cosmos.

A vasta riqueza da música andina reflete-se na diversidade de estilos e instrumentos que a compõem, cada um com suas próprias características e significados. Stobart (2006) afirma que a música andina captura a geografia e a própria essência dos Andes. Por sua vez, Sánchez Huaranga (2018) precisa que esses instrumentos, feitos à mão com materiais naturais como cana, madeira, couro e osso, são considerados sagrados em muitas comunidades, pois acredita-se que eles têm a capacidade de conectar os seres humanos com os espíritos da natureza, os ancestrais e as forças cósmicas.

Essa bela expressão musical floresce e se nutre na região dos Andes, uma vasta cordilheira que se ergue como a espinha dorsal da América do Sul. Esse lugar, conhecido por sua diversidade climática, paisagens impressionantes e culturas ancestrais, testemunhou o surgimento de uma variedade de estilos musicais, cada um com suas próprias características e nuances únicas. A música andina se destaca por suas melodias emocionantes e evocativas, que muitas vezes são interpretadas em harmonia, refletindo o espírito comunitário e a reciprocidade tão característicos das culturas andinas. Os ritmos variam desde os lentos e cerimoniais, usados em rituais e celebrações religiosas, até os mais ágeis e festivos, que acompanham danças e festividades populares. Além disso, a música andina frequentemente inclui letras em línguas nativas, como o quíchua e o aimará, transmitindo histórias, lendas, ensinamentos ancestrais e reflexões sobre a vida, a morte e o universo, mas também refletindo sentimentos humanos tão profundos como a dor, o amor ou o desamor.

A história dessa música remonta aos tempos pré-colombianos, com achados de instrumentos musicais e práticas em sítios arqueológicos da região. Durante a época colonial, ela se fundiu com influências europeias, dando origem a novos estilos e formas de expressão. Turino (2008) aponta que, no século XX, a música andina viveu um renascimento vibrante, impulsionado pelo movimento indigenista e pelo surgimento de grupos e artistas que resgataram e revitalizaram as tradições musicais ancestrais. Hoje em dia, a música andina continua sendo uma força viva e dinâmica, adaptando-se aos tempos modernos sem perder sua essência e sua profunda conexão com o passado.

Desenvolvimento

A cosmovisão andina é um sistema de crenças rico e profundo que vê a música como uma linguagem sagrada, uma forma de se comunicar diretamente com a natureza, o cosmos e o divino. Ao contrário da visão ocidental, que muitas vezes vê a música apenas como entretenimento, na cosmovisão andina a música é essencial para a comunicação, a cura, a conexão espiritual e o equilíbrio entre os seres humanos, a natureza e o universo. A música não é apenas algo que se ouve, é algo que se sente, se vive, se compartilha e se experimenta em sua totalidade. Stobart (2006) refere que, nessa cosmovisão, a natureza é vista como um ser vivo, cheio de inteligência, consciência e espírito. Assim, a música se torna um meio de se conectar com a natureza, ouvir suas mensagens sutis e poderosas e honrar sua força e sabedoria. Os sons dos instrumentos andinos muitas vezes imitam os ruídos da

natureza, como o vento que assobia entre as montanhas, a água que flui nos rios, os animais que cantam e o trovão que ressoa no céu. Ao interpretar esses sons, os músicos andinos criam um diálogo íntimo com a natureza, buscando sua orientação, proteção e bênção. Por exemplo, em algumas comunidades andinas, os músicos usam a quena para imitar o canto do condor, a ave sagrada dos Andes. Ao fazer isso, eles se conectam com o espírito do condor, invocando sua força, visão e capacidade de se elevar acima dos problemas. Além disso, podemos observar o ritual de *serenar* os instrumentos, no qual eles são levados a um local sagrado, como uma cachoeira, para receberem as melodias e o espírito da água antes de serem interpretados na comunidade. As melodias e ritmos da música andina são inspirados nos ciclos naturais agrícolas, como o solstício, o equinócio e as estações, o que também é um aspecto relevante ao apontar a relação da música andina com a natureza e o cosmos.

Turino (2008) menciona que essa cosmovisão também inclui a ideia de um cosmos ordenado e hierárquico, repleto de divindades, espíritos ancestrais e forças cósmicas. Nesse contexto, a música se torna uma ponte que conecta o cosmos à terra, permitindo que os seres humanos estabeleçam um vínculo com o divino, recebam sua orientação e acessem sua sabedoria. Os rituais e cerimônias andinas costumam incorporar música, cantos e danças para invocar as divindades, prestar homenagem aos ancestrais e expressar gratidão pelas bênçãos recebidas. Durante o *Inti Raymi*, a festa do sol, os músicos andinos tocam música sagrada para honrar o deus Sol e garantir a continuidade da vida. Os ritmos e melodias dessa música são projetados para conectar os participantes com a energia do sol, fortalecendo sua vitalidade e seu espírito.

A música andina constitui um campo sonoro carregado de significados culturais, identitários e comunitários, que transcendem a dimensão estética para se inscrever na vida cotidiana, ritual e produtiva dos povos que a praticam. Nesse sentido, seu estudo e aplicação no âmbito da musicoterapia permitem visibilizar a riqueza das tradições sonoras que foram historicamente relegadas em favor de paradigmas eurocêtricos, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade de gerar práticas terapêuticas mais contextualizadas e culturalmente pertinentes.

É importante destacar que a música nos Andes se caracteriza por uma musicalidade participativa, orientada para a interação social antes do que para a contemplação estética. Essa dimensão se manifesta de maneira paradigmática nos conjuntos de *sikuris*, onde a técnica do *arka/ira* (as duas partes do instrumento) obriga dois ou mais intérpretes a completar a melodia em conjunto, gerando uma experiência de interdependência e coesão.

Turino (1989) indica que, de uma perspectiva terapêutica, esse fenômeno é particularmente relevante, pois favorece a sincronia motora e respiratória, o senso de pertencimento e a experiência de agência compartilhada, elementos essenciais nos processos de reparação de laços sociais e na recuperação após experiências traumáticas. A música nos Andes desempenha um papel fundamental no fortalecimento dos laços sociais e comunitários. Ao participar de atividades musicais, como cantar, dançar ou tocar instrumentos, as pessoas se sentem mais unidas, compartilham experiências e emoções e constroem um senso de pertencimento e solidariedade. A música andina promove a cooperação, a reciprocidade, o respeito mútuo e a valorização da diversidade, valores essenciais nas culturas andinas. Além disso, durante as festas comunitárias, ela reúne pessoas de todas as idades, gêneros e origens. Ao cantar e dançar juntos, eles reforçam seus laços sociais e celebram sua cultura compartilhada.

A literatura latino-americana em musicoterapia também contribuiu para a compreensão de como integrar a sonoridade andina na prática clínica. Desde os anos 70, o Modelo Benenzon propõe a noção de *Identidade Sonora* (ISO) como núcleo da experiência musical pessoal e cultural (Barcellos, 2001). A ISO oferece uma ferramenta conceitual poderosa para reconhecer, em instrumentos de sonoridade andina, ressonâncias identitárias que podem ser mobilizadas terapeuticamente no trabalho clínico, individual ou em grupo. Em

consonância com isso, abordagens mais recentes, como a *Musicoterapia Comunitária* (Ansdell, 2002; Stige, 2002), insistem na necessidade de abrir a prática terapêutica ao contexto comunitário e cultural, o que se encaixa com a própria natureza participativa e ritual da música andina.

Estudos etnomusicológicos de autores como Stobart (2006), Romero (2021) e Mendívil (2016) mostraram que a música andina está intimamente ligada a calendários agrícolas, rituais festivos e processos de construção da identidade nacional e étnica. Essa ancoragem contextual é fundamental para evitar leituras exotizantes ou essencialistas dentro da musicoterapia. Pelo contrário, uma abordagem decolonial convida a co-projetar intervenções com comunidades e pacientes, respeitando a diversidade e o dinamismo do “andino,” que não se reduz a escalas pentatônicas ou a um repertório “folclórico” congelado no tempo, mas é, antes, dinâmico e interativo.

Os recursos terapêuticos oferecidos pela música andina são múltiplos. Em primeiro lugar, os conjuntos de aerófonos promovem a regulação respiratória e grupal, uma vez que exigem um fraseado que sincroniza respiração e ritmo. Em segundo lugar, as estruturas de chamada e resposta presentes na musicalidade andina facilitam dinâmicas de diálogo sonoro e de turnos, úteis em contextos de terapia grupal. Em terceiro lugar, a articulação da música com os ciclos rituais e agrícolas abre a possibilidade de utilizá-la como um recipiente simbólico em processos de luto, transições vitais e fortalecimento comunitário. Finalmente, a construção de instrumentos simples, como sikus ou pinquillos, introduz uma dimensão ocupacional e ecológica, ligando a prática terapêutica à relação dos sujeitos com seu território.

Na minha experiência clínica, pedagógica e comunitária, tive a oportunidade de compartilhar esse tipo de música tanto em comunidades andinas quanto em ambientes mais institucionalizados, e observei que ela gera um efeito particular nas pessoas. Quando incluo melodias andinas, percebo que os participantes não só são capazes de reconhecer e expressar emoções profundas, mas também evocam memórias ligadas às suas raízes familiares e comunitárias. A música andina oferece um conjunto de recursos que fortalecem tanto a dimensão clínica quanto a comunitária da musicoterapia. Seu caráter participativo, seu potencial regulador e seu profundo enraizamento cultural permitem trabalhar simultaneamente na regulação emocional, na coesão grupal e na ressignificação identitária. Como alertam Romero (2021) e Mendívil (2016), o desafio reside em evitar visões simplificadoras e essencialistas, promovendo, em vez disso, práticas que reconheçam a complexidade, a historicidade e a diversidade do andino. Para a musicoterapia contemporânea, incorporar esses conhecimentos não significa apenas enriquecer seus recursos técnicos, mas também avançar em direção a uma prática mais inclusiva, intercultural e socialmente comprometida.

Em resumo, a música andina é uma expressão autêntica e profunda da cosmovisão andina, refletindo sua conexão essencial com a natureza, o cosmos e o divino. Ao ouvir ou interpretar música andina, as pessoas podem se reconectar com suas raízes culturais, fortalecer sua identidade, transmitir seus valores às novas gerações e preservar um legado inestimável para o futuro. A música andina não é apenas uma forma de arte; é uma ferramenta poderosa para a cura, a conexão espiritual e a transformação social.

Conclusões

A música andina vai além de ser apenas uma forma de arte, ela se tornou um pilar fundamental na vida das comunidades andinas. Ela reflete sua visão de mundo, sua conexão íntima com a natureza e o cosmos e sua busca constante por saúde, bem-estar e harmonia. Ao longo dos anos, a música andina evoluiu e se adaptou às mudanças sociais e culturais, mas sempre manteve sua essência e seu valor como um patrimônio cultural

inestimável dos povos andinos.

Embora a música tenha características universais, cada cultura possui sua própria identidade musical e uma visão particular do que a música significa para ela. Por isso, é crucial compreender a natureza da música andina quando se realiza qualquer tipo de intervenção musicoterapêutica com essas comunidades. Neste contexto, a música é percebida não apenas através de seus sons, mas também em sua relação com a comunidade, a natureza e o cosmos. A música andina constitui um patrimônio cultural e espiritual que transcende os limites do meramente estético para se inscrever na vida cotidiana, ritual e comunitária dos povos que a praticam. Seu caráter participativo, sua ancoragem na cosmovisão andina e sua capacidade de articular vínculos entre o humano, o natural e o cósmico a tornam um recurso terapêutico de enorme relevância no campo da musicoterapia.

Longe de ser um repertório estático, a música andina é um sistema sonoro dinâmico e diversificado que possibilita processos de regulação emocional, coesão grupal e ressignificação identitária. A sincronia respiratória nos conjuntos de aerófonos, a dimensão dialógica das estruturas de chamada e resposta e a ritualidade que acompanha sua prática oferecem um conjunto de ferramentas que podem ser aproveitadas tanto em contextos clínicos quanto comunitários.

Da mesma forma, a integração da sonoridade andina na musicoterapia implica um compromisso ético e epistemológico: reconhecer a historicidade, complexidade e pluralidade do andino, evitando visões exotizantes ou reducionistas. Como alertam diversos autores, avançar em direção a uma prática intercultural e decolonial implica não apenas utilizar instrumentos ou melodias, mas também compreender os contextos sociais, espirituais e simbólicos em que essa música é produzida e vivida.

Em definitiva, a incorporação da música andina na prática musicoterapêutica não apenas enriquece o repertório técnico, mas também abre a possibilidade de construir uma musicoterapia mais inclusiva, enraizada e socialmente comprometida. Trata-se de um caminho fértil para gerar intervenções que honrem os conhecimentos ancestrais, fortaleçam identidades e contribuam para a cura individual e coletiva.

Hoje em dia, a música andina continua sendo uma fonte de identidade, orgulho e resistência para as comunidades andinas, que a transmitem de geração em geração como um legado valioso. É fundamental reconhecer e valorizar a importância dessa música como um elemento essencial para a saúde e o bem-estar dessas comunidades, e apoiar ativamente as iniciativas que buscam preservar, promover e difundir esse patrimônio cultural inestimável, não apenas para os povos andinos, mas para toda a humanidade.

Sobre o Autor

Julio Mariscal Lima: Músico e psicólogo, com formação de pós-graduação em Musicoterapia Infantil, Psicoterapia Gestalt, Educação Superior e Psicoterapia Sistêmica Intercultural. Educador em centros de prevenção da violência para crianças, meninas e adolescentes em unidades educativas de La Paz e El Alto, como também professores, pais e mães de família. Também realizou processos psicoterapêuticos e musicoterapêuticos grupais no tratamento da violência, em diversas ONGs de La Paz e recentemente com mulheres em situação de reclusão. Além disso, faz parte de comunidades musicais andinas originárias. É meu fundador da MUSAB (Associação Boliviana de Musicoterapia).

Referências

- Ansdell, G. (2002). Community music therapy & the winds of change [Musicoterapia comunitária e os ventos da mudança]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 2(2).
- Barcellos, L. R. M. (2001). Music therapy in South America: Progress, problems, and possibilities [Musicoterapia na América do Sul: Progressos, problemas e possibilidades]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, 1(1).
- Bauman, M. P. (1996). *Cosmología y música en los Andes [Cosmologia e música nos Andes]*. Vervuert – Iberoamericana.
- Haas, F., Distenfeld, S., & Axen, K. (1986). Effects of perceived musical rhythm on respiratory pattern [Efeitos do ritmo musical percebido no padrão respiratório]. *Journal of Applied Physiology*, 61(3), 1185–1191.
- Lozada Pereira, B. (2006). *Cosmovisión, historia y política en los Andes [Cosmovisão, história e política nos Andes]*. Tesis de maestría, Universidad Mayor de San Andrés. <https://jichha.blogspot.com/2018/06/cosmovision-historia-y-politica-en-los.html>
- Mendívil, J. (2018). *Cuentos fabulosos: La invención de la música incaica y el nacimiento de la música andina como objeto de estudio etnomusicológico [Contos fabulosos: A invenção da música inca e o nascimento da música andina como objeto de estudo etnomusicológico]*. PUCP.
- Mendívil, J. (2025). *Biografía social de las músicas: La tradición vista por un etnomusicólogo aguafiestas [Biografia social das músicas: A tradição vista por um etnomusicólogo desmancha-prazeres]*. Gourmet Musical.
- Romero, R. R. (2002). *Sonidos Andinos. Una antología de la música campesina del Perú [Sons andinos. Uma antologia da música camponesa do Peru]*. Centro de Etnomusicología Andina / Instituto Riva-Agüero PUCP.
- Romero, R. (2021). Decolonising andean and peruvian music: A view from within [Descolonizando a música andina e peruana: Uma visão de dentro]. *Ethnomusicology Forum*, 30(1), 129–139.
- Sánchez Huaringa, C. (2018). *Música y sonidos en el mundo andino: Flautas de pan, zampoñas, antaras, sikus y ayarachis [Música e sons no mundo andino: Flautas de pan, zampoñas, antaras, sikus e ayarachis]*. Fondo Editorial de la UNMSM.
- Stige, B. (2002). *Culture-centered music therapy [Musicoterapia centrada na cultura]*. Barcelona.
- Stobart, H. (2006). *Music and the poetics of production in the Bolivian Andes [Música e a poética da produção nos Andes bolivianos]*. Ashgate.
- Stobart, H. (2018). *Sacrificios sensoriales deleitando los sentidos en los Andes bolivianos [Sacrifícios sensoriais que deleitam os sentidos nos Andes bolivianos]*. Anthropologica.
- Turino, T. (1989). The coherence of social style and musical creation among the Aymara in southern Peru [A coerência do estilo social e da criação musical entre os aimarás no sul do Peru]. *Ethnomusicology*, 33(1), 1–30.
- Turino, T. (2008). *Music as social life: The politics of participation [Música como vida social: A política da participação]*. University of Chicago Press.